

TERESA DE SALDANHA CEDÊNCIAS: O AMOR, A CIRCUNSTÂNCIA, O AFORISMO

Frei José Augusto Mourão OP - Lisboa, 3 de Março de 1988

CONFERÊNCIA PROFERIDA NA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE TERESA DE SALDANHA

Colocar Teresa de Saldanha sob o signo da cedência, poderá parecer a alguns fraqueza, condescendência, numa mulher a quem chamavam “chefe despota” e que de si mesma dizia ser “tirana”. Creio, porém, que esta hipótese de interpretação explica suficientemente bem o mundo dos afectos, a vida e a obra e a escrita da Madre Fundadora das Irmãs de Santa Catarina de Sena em Portugal.

A vida, a obra e o método. Em teoria literária, a relação vida-obra-do-autor assumiu foros de determinismo tão asfixiantes que se abandonou o método que o servia - o método biográfico - multiplicando-se as focalizações da obra, a abordagem internalista que passou a dominar. Esquecer que “um livro não é, no fim de contas, senão um extracto do monólogo do seu autor”¹ pode induzir em graves voos ou temerárias aventuras. A prática biográfica regressou, mas acentuou-se a crença na independência da obra (literária, entenda-se) relativamente ao ser de carne e osso que a criou, crescendo a desconfiança relativamente àquilo a que se chamou a “ilusão referencial”.

Não alimentarei curiosidades mórbidas, não perscrutarei intenções outras que aquelas mesmas que as *Cartas*, os Extractos das *Práticas da Madre Fundadora* nos Capítulos (1895-1900) ou diversos relatórios (da Associação Protectora das Meninas Pobres, por exemplo) deixam entrever. Com uma precaução: os extractos são recolhidos por uma Irmã de que se não sabe o nome, destinados às que estão nas casas filiais e não têm a felicidade de assistir às práticas que a Madre Superiora, de vez em quando faz. Trata-se de recordações de exortações e conselhos, não de transmissões exactas das práticas proferidas pela Madre Fundadora, atinentes aos capítulos de observância - falas de circunstância, portanto.

Tudo me parece, pois, muito marcado pelo ordinário da linguagem, a fragilidade dos géneros utilizados e o modo fragmental, aforístico que revestem. E talvez sejam estas roupagens que melhor traduzem a gesta do amor cedendo à circunstância e a expressão mais despojada da linguagem, que para agir, se quer sensível, sóbria, breve.

1. Do amor

O que é verdadeiramente *fundante* na vida e na obra de Teresa de Saldanha é o ter compreendido que, pelo facto da sua consagração e dos seus votos, ela é um ser dado e oferecido, ligado a Deus e ao suspiro de São Domingo à vista das misérias e angústias humanas. Deus e os pobres. Isso era tudo. De facto, ela refere toda a iniciativa, toda a obra ao querer de Deus, integrando toda a demora, contrariedade ou oposição a essa vontade primeira. A obra era

hipostasiada, personificada: “O temor de fazer mal à obra que Ele me tinha confiado.”² O referente último deste “negócio”, como diz, era o amor de Deus. Os postulados dominantes da sua espiritualidade podem resumir-se na crença da *omnipotência*: “Deus que é onnipotente”³ “Mas Deus é todo poderoso e quantas vezes se serve das suas fracas criaturas, para realizar obras tão grandes”⁴ na *vontade* de Deus, inspirador que segredou tal obra:

“Tu bem sabes o princípio desta obra é que podes avaliar se em tudo isto andava a mão de Deus e se o pensamento que eu tive foi ou não inspiração do Céu que se serve dos humildes instrumentos para os seus fins,”⁵ enfim, o *desejo ardente* dum Obra “empresa aparentemente difícil, mas nada impossível ao poder de Deus”⁶ e o céu como horizonte último: “No céu iremos mais cedo achar o bem que tanto ansiamos”⁷. Mas a melhor confirmação do seu agir com o agir de Deus vem-lhe do reconhecimento de que a sua Obra está marcada pela cruz: “A obra para ser de Deus deve ter o cunho da cruz”⁸ *Amor crucis ex cruce natus*.

O amor é operativo, actuante. A questão que preocupa Teresa de Saldanha, que porque muito ama, muito deseja fazer, é esta: “que hei-de fazer”, ou “o que faço eu por Deus?”⁹ O amor que não é operativo, nada vale: “temos um dever rigoroso de trabalhar para a glória de Deus e para o bem do próximo, praticando a caridade”¹⁰.

Insisto em contrariar os que pretendem dar a Teresa de Saldanha o estatuto de mística porque muito pouco ou nada no seu itinerário espiritual permitiria acentuar essa cor, essa paixão. O pensar-se como Esposa escondida não a leva a ceder aos deleites das aspirações, por exemplo: “aspirações estavam a levar-me demasiado longe e eu tenho de as deixar por outras mais adequadas ao tempo”¹¹. Convém mesmo sublinhar que a espiritualidade que manifesta não corresponde nem ao modelo *ascético* de um qualquer dolorismo naturalista acompanhado de disciplinas, nem ao modelo *místico* (em nenhum lugar se fala de arroubos ou de êxtases, nem a sua escrita reflecte a *tensão* que marca o corpo atravessado do desejo íntimo de união), mas àquilo a que chamarei uma *espiritualidade do quotidiano* que reflecte sim o ar do tempo, as devoções do século: as Novenas a São Domingos, o *Lausperene*, a devoção dos 15 sábados, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, à Imaculada, uma espiritualidade profundamente enraizada simultaneamente num princípio fundante, absoluto, a vontade de Deus, e no serviço aos pobres, aos ignorantes do bem, da Religião e da cultura.

Não encontro nas inclinações profundas desta mulher algo que se pareça com um voluntarismo crispado, um combate voluntarista à superfície da vida. O conhecimento que ela tem de Deus é um conhecimento nupcial, não um conhecimento doutrinal. O seu desejo de Deus não se

² Carta ao Padre Geral de 17 de Março de 1869

³ 17 Março 1868

⁴ 20 Julho 1867

⁵ 8 Maio 1887

⁶ 9 Julho 1867

⁷ 19 Março 1867

⁸ Carta à Cunhada, sem data

⁹ Oeiras, 12 de Julho 1866

¹⁰ Relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres, apresentado pela direcção à assembleia geral no dia 18 de Janeiro de 1883, p.3.

¹¹ Oeiras, 11 de Outubro - Carta 74

reduz à imanência do milagre mágico ou ao triunfo de uma História sem mistério. O desejo é grande, ardente mesmo, de servir o próximo servindo Deus, mas é forçosamente do seu tempo, na medida em que está em “situação”, e no sentido em que assume escondidamente o papel de guia para a liberdade, portanto para a superação desta situação.

Como imperativo moral, a sua acção está pois historicamente determinada. Deus quem guia, quem ordena, quem assiste ao movimento das mãos, dos olhos, do “negócio.” Resumiria este tipo de espiritualidade como um espaço para acolher a graça e respirar mais profundamente o sopro da vida.

A interpretação da vontade de Deus na sua vida segue um percurso que eu dividiria, cronológica e espiritualmente em duas fases: uma fase interrogativa, de perguntas, e uma fase de reconhecimento, de sanção positiva das respostas (os objectos-valor perseguidos).

A primeira fase, interrogativa, é a fase de seguimento de uma voz interior, de pedido de esclarecimento quanto à vocação e o lugar onde exercê-la. Uma fase marcada pela atracção, bem como pelo desejo de deixar tudo por Deus, correspondente ao período em que declara não gostar duma vida que então levava¹². Este é o tempo da prova: “Não estou nada desanimada com as dificuldades; pelo contrário, se as não houvesse seria de rezear que a obra não fosse de Deus”¹³. A questão da prova é a questão cognitiva entre os sujeitos-questão de interpretação, de recepção activa de um objecto-valor, de uma relação de aliança. Ora neste ponto esta Teresa bem armada: “Sem a graça de Deus nada poderíamos fazer”¹⁴, ou, noutro passo: “... medo não tenho”¹⁵.

Na inquietação em que então vive: “quem conhece os caminhos de Deus?” -pergunta, ou sob esta forma, assertiva: “Os caminhos de Deus são-nos desconhecidos” o problema maior é o não saber como começar, sabendo apenas que Deus é o grande objecto do seu amor¹⁶ e que vive ansiando saber o que Deus quer que ela faça: “Deus a seu tempo mostrará qual é a sua vontade”¹⁷. A sua postura nesta fase é de quem escuta os passos silenciosos do Amado para executar a sua própria obra Oeiras,¹⁸ esperando o momento oportuno em que deva deixar tudo e lançar mão a esta empresa. O abandono nas mãos de Deus é estão a figura mais pregnante. O desejo de ser uma criança nas suas mãos é também o maior desejo¹⁹. Como se no amor, o desapego de si e o apego ao *Outro* constitutivamente se implicassem. À inclinação de Deus que ama: “Senti que me dizia amar-me com um amor infinito”²⁰ deve a Esposa (cor)responder, manifestando em actos esse amor que ela sente pelo seu Amado. Em Janeiro de 1864 Teresa passa por uma longa doença. É durante este tempo de dores que seriamente começou a tomar corpo o seu desejo da Obra de fundação das Terceiras Dominicanas.

¹² Oeiras, 27 de Julho de 1866

¹³ 1866

¹⁴ Lisboa, 20 Abril 1870

¹⁵ 20 de Julho de 1867

¹⁶ 2 de Outubro 1865

¹⁷ Agosto 1866 - Carta 47

¹⁸ 27 Julho 1866

¹⁹ Janeiro, 1867

²⁰ Oeiras, 2 de Outubro de 1865

Após esta fase de perguntas e de dúvidas, uma certa luz se faz: é esta fase em que a actualização da própria obra se revelará como a sanção da boa interpretação e execução da vontade do Outro: “Isto é obra de Deus; Ele quer que nós actuemos; Ele olha-me sorrindo para me dar força e eu havia de perder a coragem?”²¹ Mais tarde, no período conturbado que se segue à implantação da República, dirá: “Estamos à conta de Deus”²². Como se vê, a sujeição à vontade de Deus é, em todo o tempo, a virtude maior, a obediência em acto àquele que tudo “determina”.

O amor funda-se em Deus que ama e que por isso envia o Mediador ao mundo. Aquele que ama separa-se do seu Filho bem-amado. Expõe-se à ausência de amor na pessoa do amado. Deus é o acontecimento irradiante do próprio amor que se volta para o homem marcado pela morte, fazendo entrar a morte deste homem na sua própria vida eterna²³. Seria esse o sentido da perícopa joânica: “Por isto, o Pai ama-me, porque dou a minha vida, para tornar a tomá-la”²⁴. Deus ama o Seu Filho na Sua identidade com o homem Jesus que sofreu uma morte infame. Deus ama o mundo. Quer isto dizer que o amor verdadeiro é pródigo de si mesmo, derrama-se às dimensões do mundo. O amor implica e supõe a inclinação.

Diante da ausência de amor, diante da miséria ou do abandono, o amor inclina-se, tornando amável o que não é. O amor inclui, não destrói o que lhe é oposto, transforma-o. A força e a fraqueza do amor está em que só amorosamente o amor se impõe. É esta lição amorosa que faz com que Teresa de Saldanha se abandone, se incline, se desligue e se entregue à prática da caridade que sob diversos modos exerceu. O zelo cristão, o Apostolado deflui desta aliança. Só este desapossamento de si, esta cenose, permite fazer corpo com o mundo não o abandonando por um qualquer jardim cerrado. O voluntarismo extremo que a modernidade conhece, era estranho a Teresa. A passividade primeira que trazia a marca da cruz transmutava-a ela em acções concretas, em superabundância de dons e de coragem. Nem outra fonte havia onde encontrasse o engenho, a doçura e a suavidade a que acudir ao tempo e às circunstâncias.

2. Da circunstância

Quem de nós não é datado, no que é, naquilo que vai sendo, no que faz ou no que espera? Todo o problema está em saber que datas inscrevemos como nossas. Que memória de acontecimentos guardamos. Que acontecimento singular nos abordou, que circunstância nos tocou.

A preocupação com a vontade de Deus a seu respeito, o desejo de consagração de empregar a sua vida em obras de Caridade e o lugar onde deveria realiza-las foram sempre no horizonte da vida de Teresa de Saldanha os pontos simultaneamente fixos e o princípio da sua deslocação. A ubiquidade de Deus é um atopismo. Nenhuma terra ou tempo é pátria de Deus. Pode a teologia contentar-se com o conceito metafísico da ubiquidade divina, não aquele que percorre os lugares ameaçados de desertificação, não aquele que perscruta a linha da promessa e dos traços de Deus na História. Quando pensamos a presença de Deus como acontecimento e singularidade duma graça, não como dado-de-facto mas como oferta de relação, devemos então arriscar-nos a pensar mais do que a ubiquidade divina.

²¹ Carta 28

²² 14 de Abril 1911

²³ E. Jungel, Dieu, Mystère du Monde, t. 2, p. 160. Cog. Fid. 117, Cerf, 1983

²⁴ Jo 10,17

Correlativamente, também o interesse do homem pelo outro ter-se-á de pensar em termos de acto, acontecimento de caridade, proximidade. Teresa sabe que a caridade se exerce no tempo, na relação com o outro, e que para praticar o zelo cristão “não precisamos de ir à China, ao Japão, aos países infiéis arrancar inocentes crianças aos dentes afiados dos porcos, e aos monturos nauseabundos das ruas. Na nossa Lisboa, no nosso Portugal, pais há, Cristãos unicamente pelo baptismo, que atiram com seus filhos aos pântanos da imoralidade, ao dragão da heresia, e a nossa Associação foi criada para salvar estas crianças da dupla morte da alma e do corpo”²⁵. Quer dizer, a caridade, ou reveste o deictismo da linguagem, o eu, aqui e agora da alma e do corpo a salvar, ou é palavra oca de intenções vazias. As circunstâncias sociais e políticas em que se move Teresa de Saldanha e o seu desejo de fundar uma Ordem activa em Portugal foram já analisadas neste ciclo de conferências. Não vou, portanto, reproduzi-las. Falo aqui da circunstância como provocação a agir, como virtualização de um fazer.

A circunstância aqui é o acontecimento que se espera, o esclarecimento sobre o que se terá a fazer: “Pode dar-se brevemente uma circunstância que me esclareça sobre o que tenho a fazer, veremos”²⁶. A circunstância é o momento oportuno, o tempo favorável que a sabedoria preparou. A atenção ao tempo, as circunstâncias era a prioridade: “Agora, mais do que nunca, tenho de estar atenta” - escreve ao Padre Russell de Oeiras, 12 de Outubro de 1865. Atenta a quê? À vontade de Deus e às circunstâncias, que funcionam simultaneamente como virtualizações de fazer e imperativos a que nenhum olhar se pode esquivar: *ubi amor; ibi oculus*. Pode o olhar ficar indiferente aos crucificados da História que ninguém vê nem chora? Mais ainda: “quando mesmo tivéssemos fé ardentíssima, ainda assim se o amor de Deus, o desejo de suavizar os males do próximo, não animassem as nossas obras, estas ficariam mortas.” Relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres apresentado pela direcção à Assembleia Geral no dia 18 de Janeiro de 1876. Na luta entre desejo da fuga do mundo e a união constante ao objecto do seu amor sai vencedor o sacrificio, o abandono de si pela entrega ao mundo a que, a seu modo, muito singular, estará presente: “não é para esta vida de contemplação que Jesus me chama. Eu ficarei a trabalhar no meio do mundo! Fiat!”²⁷ É porque conhece o triste e desolado estado do seu pobre país que sente o desejo de trabalhar aqui:

“Se, por um lado, o lugar onde eu possa ser chamada a trabalhar me é indiferente, porque Deus está em toda a parte, por outro lado, conhecendo o triste e desolado estado do meu pobre país, senti sempre um grande desejo de trabalhar aqui, onde tanto se pode fazer”²⁸. “As circunstâncias mostrarão a vontade de Deus, assim o espero”²⁹. Esta é a disposição fundamental, que exprime uma radical confiança, uma moral de responsabilidade invulgar, em tempos adversos.

As circunstâncias pesam, tanto no âmbito geral da Europa: “O actual estado das coisas na Europa não nos é favorável e, no entanto, temos de tentar alguma coisa, de outro modo não podemos realizar o nosso grande plano!! Na verdade vejo grandes dificuldades no nosso caminho, mas é evidente que Deus tudo pode fazer por nós”³⁰ como nas questões da gestão escolar: “mas

²⁵ Relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres, relativo ao ano de 1905 a 1906).

²⁶ Lisboa, 24 de Outubro de 1866

²⁷ Carta sem data

²⁸ Novembro de 1865

²⁹ Oeiras, 2 de Outubro de 1865

³⁰ 19 de Junho de 1866

nas circunstâncias presentes, a escola tem de fechar,”³¹ como ainda na própria vida espiritual: é um grande sacrifício (esta separação necessária) ter de viver ainda aqui no mundo e não poder fugir para o Esposo a quem deseja unir-se. Mas os desígnios de Deus, se bem interpretados, obrigam-na a resignar-se com a condição presente³². Mas até em relação ao mais banal do quotidiano: “achei que não devia andar a pé tanto tempo”³³ ao tempo (metereológico): “Graças a Deus que o tempo ontem esteve bom”³⁴ ou as suas devoções: “Lamento ver-me privada da Sagrada Comunhão, mas paciência”³⁵. Esta mulher se mostra livre, sabendo usar da justa medida, a dose precisa de prudência e de coragem. A lei da adaptação aos tempos e lugares decorre do carisma da Igreja em geral e das Ordens em particular.

Em Teresa de Saldanha este esforço de adaptação ressalta mesmo do requerimento de apresentação do volume das Constituições, em português, das Irmãs da Ordem Terceira de São Domingos, a 24 de Janeiro de 1887, ao Cardeal D. José III. Aí se lê: “...temos procurado, nas presentes Constituições, adaptar a dita Regra da Ordem Terceira às necessidades do tempo presente, às circunstâncias do nosso País e à natureza das Obras de que nós havemos de ocupar, conforme a praxe seguida de outros países”³⁶. Em tudo, Teresa de Saldanha manifesta uma **ciência do coração**, uma arte rara que só o testemunho conhece, de conjugar o tempo, Deus e a circunstância. A atenção ao tempo não permite o delírio verbal, o tom apologético dos que assistem, impotentes, da clausura do seu próprio discurso, ao desabar do reino e da doutrina. O que então não esqueceu esta mulher forte-e-fracá é que somos todos cidadãos, isto é, filhos da História e que somos cristãos se nos acresce o dever de construir, de baptizar o mundo, incorporando o mal a epopeia da esperança. Não a murou a estirpe nem a razão contra os inimigos que existiam, é certo, mas que não eram tantos que a impedissem de habitar o mundo e este país de uma forma escondida, discreta, nada pretendendo dizer de si, mas tão somente daquele que a abordou, não cedendo ao desastre da lamúria ou da apatia. A atenção que devia ao tempo, a linha a não quebrar entre o céu e a terra foram maiores que o seu conforto adaptativo. É essa força maior do seu testemunho.

3. O aforismo

Quando Loisy é excluído do Instituto Católico de Paris, em 1893, foi nomeado para Neuilly capelão de dominicanas ensinantes. Ele escreve então: “Era-me evidente que o devotamento das santas filhas que eu via entregarem-se inteiramente à educação das crianças que lhes confiavam não se sustentava de fórmulas abstractas da teologia. Elas sustentavam-se através da alegria do sacrifício de que Jesus lhes dava o exemplo... Elas não pensavam teologicamente; e

³¹ Ibidem

³² Oeiras, 11 de Outubro de 1865

³³ 17 de Julho de 1866

³⁴ Carta 27

³⁵ 27 de Julho de 1866

³⁶ Maria Rosa Thiaucourt, Madre Teresa de Saldanha. Vida e Obra, 1987, 508

ajudavam-me a compreender que assim devia ser a verdadeira maneira de pensar religiosamente”³⁷.

Esta passagem serve-me a mim para avaliar do valor literário da obra de Teresa de Saldanha e dos suportes teológicos ou doutrinários de que vivia. Diga-se de imediato que ela não é uma mulher-escritora. Logo, toda a sua obra escrita deve ser apreciada sob um ângulo que não é o da crítica literária. Ficou-nos um manancial de cartas, exortações, pequenas notas, conselhos, breves traduções, sempre ligadas às circunstâncias da sua vida antes e depois da fundação da Ordem Terceira de Santa Catarina de Sena. Ora a carta é inquestionavelmente, no final do século XIX o género de escrita que melhor corresponde a uma literatura de circunstância.

Escreve ela à Irmã Santo Inocência, em Campinas, a 14 de Abril de 1911: “Bem sabe, as cartas, que me dão muita consolação, são muitas, mas é só uma pessoa a responder, bem percebem que o tempo não chega para tudo”.

Este é o lado, diria burocrático, da gestão do quotidiano que exige perguntas e respostas por escrito, quando não se dispõe ainda de outros meios. Mas as cartas de Teresa de Saldanha interessam-nos pelo que transpiram do ar do tempo e como interpretação duma época, avaliação de uma Obra, ressonância de uma inquietação. Os seus escritos são a respiração da sua existência, ligada a um estado de coisas, ao agir que a move, ao banal a gerir.

Tentando caracterizar este tipo de escrita, diria que ela se aproxima do discurso quotidiano, mostrando-se uma escrita enxuta, pragmática, incrustada de quando em quando de fragmentos a propósito, pensamentos rapidamente apresentados e logo interrompidos, aspirações, sentenças breves, impregnadas de sabedoria, com as suas formas próprias, comuns ao comum dos mortais, à semelhança do *deus communis* que mesmo através da linguagem se fez próximo. E esta **ciência do coração**, melhor ainda, esta pré-ciência que segue o que o desejo em surdina lhe sussurra, um pensar laboratorial que a experiência lhe fornece que ditará a Teresa as cartas inumeráveis, as exortações breves, comezinhas, aforísticas para o tempo e as pessoas com que se relaciona.

O aforismo é considerado uma forma simples, por A. Jolles, ou na terminologia de T. Todorov, um género menor. Aforismo, do grego *aphorismós*, “limitações; definição; breve definição, sentença”, donde: “sentença breve e indiscutível que resume uma doutrina”³⁸. Referirei apenas desta forma discursiva a sua componente retórica, entenda-se a sua força emotiva, dado que é sobretudo num contexto de exortação que tais formas discursivas aparecem. E como lembra Greimas: “a comunicação entre os homens não é, de maneira geral, informativa mas passional. É uma confrontação de poderes e de quererem banhada numa atmosfera de fé, quer dizer de confiança e de desconfiança”³⁹.

Ora as Cartas, tanto como as Exortações ou os Pensamentos têm a sua força emotiva, a sua performatividade. Através das Cartas é possível encenar um combate, uma fé, uma paixão. Teresa não escreveu um tratado sobre administração de associações ou sobre espiritualidade. Escreve sim textos de circunstância por excelência, relacionados com o dia-a-dia da vida regular, as diversas pontuações da *naturalis temporum ordo*, directamente referidos a acontecimentos conventuais, como por exemplo as reuniões do Capitulo.

Estes actos de fala têm uma função imediatamente ritual, institucional, bem longe das preocupações com a ordem retórica que preside à elaboração do texto literário. Paradoxalmente, o

³⁷ A. Loisy, *Choses passées*, Paris, Nourry, 1913, p. 166, e *Mémoires*, Paris, Nourry, tomo 1. 1930, p. 364.

³⁸ Jean-Louis Galay, “Problème de l’oeuvre fragmentale: Valéry” in *Poétique*, Set. 1977, p. 360

³⁹ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª edição, 1º vol. A. B., Livros Horizonte, 1977, p. 134.

aforismo, se serve a circunstância, apresenta-se com a roupagem da imobilidade: é o dito do dizer antigo, a fórmula lapidar, o resumo. Naquele tempo, uma mancha destes “pensamentos” bastava para fazer andar. Pertencendo ao *genus aridum ac siccum*, o fragmento se não vem ajoujado de ornamentos, nem por isso tem menos *charme*. A sua função vem-lhe precisamente das suas funções fáticas. O fragmento mostra ideias em estado bruto: “Deus tudo faz para nosso bem”; “antes pouco mas honrado”; “o sino é a voz de Deus, chama e deve obedecer-se logo”. O aforismo forja-se andando. É uma conduta para o pensamento. Um saber fragmental que interpreta ou sanciona uma conduta. A forma aforística faz parte do nosso universo da sobriedade. Faz parte dos arquivos do corpo. Empregamo-la para nomear uma experiência, não para generalizar ou abstrair. Resumem uma sabedoria e uma estratégia enunciativa extremamente económicas.

Os textos de Teresa de Saldanha, especialmente as exortações, podem ler-se como “parêntesis flutuantes”(R. Barthes), isto é, textos abertos, correspondendo de muito perto ao texto fragmental, em que tudo é “intercalado”: ambos estão metidos entre parêntesis. Outra característica importante do texto fragmental é que ele se presta directamente à prática da citação. Os fragmentos que o leitor retém, são as suas citações. Esta é uma estratégia que garante a sua permanente circulação, reprodução, memorização: “A escrita fragmental não é senão a citação de um texto em que nem tudo se diz; que desmantela incessantemente o texto de onde em seguida as citações seriam extraídas”⁴⁰. Não se trata de textos literários ou pré-literários, e menos ainda de discursos amplificantes, cursivos.

As estratégias desenvolvidas pela obra fragmental relativamente ao universo prático visam uma ressonância optimal em que seja excluída: “o universo prático reduz-se a um conjunto de finalidades. Quando se atinge determinado fim, a palavra expira”⁴¹. Sem ornamentos e sem “argumentos,” esta escrita só pode mostrar aos olhos da economia retórica a fraqueza dos “pensamentos nus.” Há, contudo, algo de oracular nos “pensamentos” dispersos pelas cartas e pelas exortações, “germes” recolhidos do contínuo duma vida que veste uma cultura e se des-veste dela. Porque toda a veste se usa. Vestir-se acarreta a necessidade de seguir os ritmos do tempo, o despojamento que acompanha qualquer exposição à finitude. Ou não é essa a lei da encarnação? É evidente que o fragmento ou aforismo nos remetem para uma espécie de memória discursiva, uma espécie de Grande Código que não é necessariamente a Bíblia, mas que reflecte a cultura teológica ou a espiritualidade flutuante desse tempo. Nesse sentido, o fragmento é como que a ressonância, sob forma citacional vaga, de pedaços de um *corpus* de doutrina comumente aceite, reconhecido, professado. O texto bíblico, de resto, raras vezes nos chega folheando esta literatura.

Mas não seria difícil estabelecer o nexos entre certos enunciados, tais: “A Deus nada é impossível e bendito Ele seja”; “Bastante nos devemos humilhar, considerando que sem a graça de Deus nada poderíamos fazer”; “Estar sempre pronta a fazer os ofícios mais humildes, por-se sempre em último lugar”. - não seria difícil, dizia cotejar estes enunciados com os textos bíblicos correspondentes. O uso que Teresa faz das locuções do autor, as citações, raramente é o da transmissão literal. Duas cartas conheço, uma contendo na mesma frase uma citação de São Paulo, em francês: *ce n'est plus moi qui vis, c'est Jésus qui vit en moi*, sem indicação do lugar de que é extraída, e em que o “Cristo” da Carta aos Gálatas 3,20 e substituído por *Jésus*⁴².

⁴⁰ A. J. Greimas, “O meta-sentido e o futuro do sentido” in *Communio*, IV, 1987, p. 343.

⁴¹ Paul Valéry, op. cit., P. 1501-2.

⁴² Carta de 24 de Outubro de 1866

Uma outra forma de locução de autor se pode ver no caderninho de “pensamentos” que oferece a sua sobrinha Mariana; é ainda uma forma derivada agora da Carta de São Paulo ao Colossenses 3,3 de algum modo desligada dela, convertida em locução de experiência individualizável: “Não sou digna dos grandes favores que tenho recebido, mas considero-me morta”.

Uma vez o texto apropriado, convertido em reflexão, o autor como que se torna desconhecido ou pelo menos desapropriado dos enunciados que fixara. A menos que a memória do leitor restitua a reflexão encontrada à sua fonte escriturística. Interessa, creio, notar o modo como a Escritura se incorpora na prática quotidiana e na sua instância interpretativo-parenética. Ou o modo como esse caudal se vai espontaneamente derramando, sem a tábua escrupulosa do exegeta sempre pronto a indicar o lapso, o desvio relativamente à letra. Interessa destacar o amadorismo dum discurso não sistematizado, a ciência feminina de arrumar a casa, como se a escrita não deixasse traços, de tão efêmera, tão fragmentada. Não é que lhe falte o corpo; pelo contrário: de tal modo se confunde com a vida que as vertigens do íntimo se pulverizam. O medo da desordem que assola o homem, nela, na escrita feminina, ordenadamente se resolve. Onde o homem separa arte e espontaneidade, a mulher instaura uma aventura espiritual indestrinçável na sua experiência amante e actuante, acomodando os restos de maneira improvisada, como se ajunta a lenha para o lume nas aldeias.

Há na escrita feminina o instante da oralidade que religa tudo, o mínimo de “operabilidade” que a retórica exige, sem a obsessão escrupulosa da referência à unidade da verdade - *o veirismo quas perverso* de quem parte de pressupostos interpretativos aleatórios, essa espécie de compulsividade para a *arché* do texto, incontornável, impossível. O típico desta escrita é que ela apresenta as marcas de uma passividade, de um acolhimento totalmente disponível à passagem do Outro.

Vejam-se estas passagens: “Tudo é graça de Deus”; “Não posso deixar de me humilhar profundamente na presença de Deus reconhecendo-me indigna de tantas graças”⁴³; “Devemos curvar a cabeça aos desígnios impenetráveis de Deus”⁴⁴. O aforismo, o fragmento trazem com eles as impressões, o *ressenti* (de F. Dolto) do corpo, como efeitos, pinceladas dos dias que não se despiram da sua ganga impura e que por isso mesmo se apresentam como imperfeições da obra, matérias ditadas pelas circunstâncias. Se acredita que: “Seguir com toda a perfeição a nossa regra, é o nosso caminho para o Céu”⁴⁵, sabe também que a paixão da regra se pode transformar em sedução mortal para aqueles que a exterioridade, o teatro das coisas satisfaz. Por isso diz: “Imperfeição é mesmo bom para nos conservarmos humildes”⁴⁶.

Não admira que a sua escrita se ressinta do que ao escritor parece espúrio ou banal. Mas aquilo que aos logógrafos coroados se não perdoaria, que navegam no mar alto, perdoa-se a esta mulher que usa a linguagem como um meio de comunicação e de informação, não como bergantim para sulcar os abismos da sua própria egologia. Ela sabe que é das transações de uns com os outros - na acção - que se funda e se cumpre a vida humana. Que é na participação numa comunidade histórica que a vida se compromete, se perde, ou se doa. Não se pode ser acusado de “anjo deficiente” porque se não atingem os cumes da grande Escrita, de costas desdenhosamente voltada

⁴³ Carta de 3 de Agosto de 1900

⁴⁴ Carta de 6 de Março de 1895

⁴⁵ Carta à Madre Maria Inês, 3 de Julho de 1900

⁴⁶ Carta à Madre Maria Inês Duff, Junho de 1909

para um povo analfabeto e miserável. Ademais, o trabalho sobre a linguagem não resulta necessariamente em formas de obras de arte de que a teoria da literatura ou a estética se ocupam: “Há formas que se produzem na linguagem e que promanam de um labor da própria língua, sem intervenção - por assim dizer - de um poeta”⁴⁷. Ou se preferirmos M. Blanchot: “A escrita, sem se colocar acima da arte, supõe que a não preferimos, apaga-a como ela se apaga”⁴⁸.

Escrita de apagamento esta.

Mesmo o texto que por “santa obediência” deixa, relatando os factos e os primeiros passos que deu para realizar a fundação da Ordem Terceira, mesmo esse texto o escreve: “Para excitar o zelo, a devoção e a caridade das Irmãs Terceiras de São Domingos”⁴⁹. Uma escrita farmacológica, terapêutica e simultaneamente suicida: “Escrever-se, é deixar de ser para se confiar a um hóspede - outrem, leitor - que doravante se dará por tarefa e por vida a vossa inexistência”⁵⁰.

Aproximar este tipo de escrita da forma simples que é o provérbio, o ditado e a máxima, parecerá pouco correcto aos teóricos dos chamados géneros menores. Não há, de facto, índices de provérbios ou de ditados no conjunto destes escritos. Isto significa que não se pode atribuir aos “pensamentos”, extractos ou exortações a forma canónica que define o provérbio. Este tem meios estilisticamente próprios, tais a hipotaxe, o assíndeto, a anáfora, a aliteração, etc., meios que não vemos utilizados na comunicação escrita de Teresa de Saldanha.

Há, porém, semelhanças assinaláveis; são locuções correntes na linguagem popular ou na linguagem ordinária, própria a determinados meios, mais próximos da linguagem falada do que da linguagem escrita, mais próximas do universo empírico do que do discurso. O provérbio desaparece, fragmenta-se, transmutando-se em sentença, enunciado que tem a espécie da afirmação ou apodíctica, ou pensamento. Ficam-nos breves sentenças, que conservam o sal da sabedoria - uma das propriedades constantes do provérbio ou do ditado, locuções que encerram uma experiência, uma força emotiva particular num contexto de recepção também particular.

Numa Carta ao Padre Russell escrita de Oeiras a 2 de Outubro de 1865, Teresa de Saldanha tenta contar-lhe “de uma maneira breve mas sincera as graças que Deus lhe concedera no dia anterior”. É exactamente esta brevidade o modo literário que serve toda a sua escrita. O que manifesta uma maneira de se exprimir, um estilo que eu colocaria mais do lado do funcionamento das formas simples, das locuções proverbiais, do que dos seus enunciados de recorte literário ou doutrinal que, seja dito de passagem, muito raro vi. E não é o facto de muitas cartas se encontrarem escritas em inglês, que uma vez vertidas em português lhes fariam perder o brilho que não tinham, mesmo em inglês. Não parece que Teresa de Saldanha tenha escrito ou pintado para assegurar a imortalidade. No que escreveu ou pintou, apenas pequenas histórias de encontros ou de desencontros nos é dado aperceber. A sorte de tudo o que escreveu é o apagamento, traço presente que vale para nós por um passado ausente. De Teresa de Saldanha ficou o traço, isto é, vestígios deixados pela sua passagem, entregue às contingências da preservação, da desfiguração ou até mesmo da destruição.

Há um arquivo destes traços conservados, atestando dessa presença, quando o contexto passado desses traços se esvaiu, se perdeu já. Mas o traço funciona também a outro nível, noético,

⁴⁷ André Jolles, *Formas Simples*, Cultrix, São Paulo, 1976, p. 20.

⁴⁸ ¹⁰Maurice Blanchot, *L'Écriture du desastre*, Paris, Gallimard, 1980, p. 89.

⁴⁹ Teresa de Saldanha, *Causa da Fundação da Ordm Terceira de S. Domingos. 1864-1866*, in Maria Rosa Thiaucourt, op. cit. P. 41.

⁵⁰ M. Blanchot, op. cit. P. 105.

que obriga a tratá-lo como sinal presente numa coisa ausente⁵¹. Esse é o enigma do traço. Seguir um traço é operar praticamente a fusão dos dois lados dele, isto é, operar a mediação entre o nunca-jamais da passagem e o ainda da marca.

Concluindo

Partira da suposição, conhecendo a pintura antes de conhecer os textos, que Teresa de Saldanha, como Caravaggio, transformasse a pintura em discurso. O rumor da linguagem que se “ouve” quando se olha um quadro não insiste, nos textos de circunstância que estão todos marcados por uma mistura de “negócio” espiritual e negócio das coisas correntes. Talvez ela adivinhasse que na vida de todos os dias “o universo é pardo e silencioso: os olhos e os ouvidos inventam os sons e as cores”, como pretendia B. Russell. A sua Obra passará a ser o sítio privilegiado de toda a sua vida (assistencial, económica, cultural e religiosa).

A mulher e o artista tornou-se a testemunha das energias que a inquietam, que a levam a agir, a estar presente. A figurabilidade dos afectos investe-a então do grão que cresce, na palavra que cura, que encoraja, que funda e faz andar. Nem por ter deixado de pintar - o que era uma forma ainda de “imitar” o mundo e a sua pose estática - deixou Teresa de Saldanha de ser a semente de beleza e o pincel de Deus esboçando o nunca dantes visto ou adivinhado e que só o amor acredita. Poderia esta mulher ter-se quedado pelo humanismo lamuriento, apocalíptico e beato dos que não perdem nunca tudo porque têm em demasia. A sua saga é o seu risco. A sua força vem-lhe da **atenção ao tempo**, não da encenação macabra de um qualquer final do tempo.

Se o amor cedeu a circunstância, só aforisticamente o saberemos. Porque todo o amor exige um rosto onde dizer-se. Porque o que é individual não pode senão abordar-se: *Individuum est ineffabile*. Ou talvez porque o amor, como a violeta, seja a escondida fragrância que só o corpo sabe. Desse “negócio” restam traços. É através deles que nos é dado reconhecer os esponsais da terra e do céu, a alegria-dolorosa que marcou a vida de Teresa de Saldanha e a nossa: *Ex amore procedit et gaudium et tristitia* Santo Tomás.

Frei José Augusto Mourão, OP

⁵¹ Paul Ricouer, “Le temps raconté” in RMM, nº 4, 1984, p. 443.